EM TORNO A FREUD

Carlos Roberto Drawin
CES — BH

ZEFERINO ROCHA, Os destinos da angústia na psicanálise freudiana, São Paulo, Escuta, 2000, 176 p.

A história da psicanálise no Brasil já é bem longa e tem seus antecedentes na reforma psiquiátrica promovida por Juliano Moreira, notável médico baiano. Em 1927 foi fundada em São Paulo a “*Sociedade Brasileira de Psicanálise*”, primeira instituição psicanalítica da América Latina. No entanto, o pioneirismo dos psiquiatras brasileiros, ao introduzir a psicanálise em nosso país, não implicou nem em sua rápida e fácil difusão nem em seu aprofundamento teórico e prático.

Como têm reiteradamente demonstrado Elizabeth Roudinesco e outros historiadores da psicanálise, como Peter Gay, esta só pôde enraizar-se e desenvolver-se em países nos quais o processo de modernização já havia avançado consideravelmente. Só assim – sob o império do estado de direito e o influxo de uma concepção secularizada do psiquismo – o indivíduo poderia compreender-se como “sujeito”, como um indivíduo capaz de reconhecer “seu” inconsciente e construir sua singularidade, através do processo terapêutico da “livre associação”. No Brasil, no entanto, a modernidade avançava com dificuldade, enfrentando as mazelas do estado patrimonial, as resistências da soci-

idade patriarcalista e conservadora e a modorra dessa estranha mistura de individualismo anárquico e paternalismo, mistura hostil ao projeto iluminista que o freudiano pretendia encarnar.

Somente no final dos anos setenta e, de modo ainda mais visível no transcorrer dos anos oitenta, ocorreu o nosso “boom psicanalítico”, a vertiginosa expansão do freudismo, que logo tornou-se a orientação dominante no campo proliferante e caótico das psicoterapias. Disseminaram-se novos grupos e instituições, as jornadas e congressos se sucederam de forma avassaladora e, nesse mesmo ritmo, seguiu-se uma enxurrada de publicações, que transformaram o nosso país num dos maiores e mais promissores mercados editoriais de psicanálise do mundo.

Esse processo de rápida difusão da psicanálise não pode ser analisado rápida e superficialmente, de modo a enaltece-lo ou rejeitá-lo em bloco. Trata-se de um processo complexo e que apresenta múltiplos aspectos e desdobramentos. Podemos propor, porém, esquematicamente, sem análises mais detalhadas, duas conseqüências genéricas, uma positiva e a outra negativa. Assim, por um lado, a difusão da psicanálise, em decorrência da intensa penetração do lacanismo, levou à implosão das instituições tradicionais, seguidoras cegas e acomodadas da ortodoxia da “*Associação Internacional de Psicanálise*” (IPA), enclausuradas no dogmatismo doutrinário e na rigidez da técnica e da formação de analistas; além disso, proporcionou uma necessária exigência intelectual aos que antes se dirigiam à clínica munidos apenas de um certo empirismo grosseiro, oriundo da parafernália psicoterápica norte-americana, ou de um furor interpretativo, alimentado pelo isolamento clínico. Por outro lado, tornou-se excessivamente fácil e cômodo intitular-se como “psicanalista”, pois esta não seria mais uma titulação escassamente atribuída e rigidamente ordenada e normatizada por uma única instituição e, em conseqüência, ocorreu uma invasão massificadora do campo psicanalítico. Situação grave, se considerarmos que, na ausência de um estatuto jurídico, a prática analítica tornava-se uma espécie de “terra de ninguém” ética, um território exterior ao controle das diferentes comunidades profissionais mais freqüentemente envolvidas, como médicos e psicólogos. Mesmo os que se empenharam em resistir à banalização da psicanálise e recorreram à conhecida erudição e sofisticação intelectual do lacanismo muitas vezes sucumbiram, pela carência de reflexão crítica e pouco acesso à tradição filosófica, ao fascínio servil diante de uma linguagem brilhante, hermética e quase numinosa.

Esse processo de rápida difusão levou à produção de uma literatura psicanalítica de qualidade desigual. Os artigos das inúmeras revistas institucionais, animadas pelo imperativo do “publish or perish”, passaram a repetir *ad nauseam* as fórmulas consagradas e até mesmo a adotar uma espécie de transferência estilística e mimetismo sintático.

No entanto, as próprias contradições inerentes à difusão da psicanálise possibilitaram a produção de trabalhos de alto nível. Sem dúvida, como mostrou recentemente o Prof. Renato Mezan, em decorrência da presença crescente da psicanálise nos grandes centros universitários de pós-graduação, levando à produção de dissertações e teses marcadas pela excelência acadêmica e o rigor metodológico. Mas também, porque a própria exigência de formação rigorosa – num mercado cada vez mais saturado e numa sociedade cada vez mais crítica em relação à psicanálise – estimulou o aparecimento de obras de grande envergadura teórica e acuidade clínica. Assim, fazendo o balanço desses últimos vinte anos, podemos e devemos reconhecer, sem sombra de ufanismo, que o Brasil conta atualmente, com obras e autores que nada ficam a dever com o que de melhor é produzido no campo psicanalítico internacional.

É nesse contexto, aqui ligeiramente esboçado, que devemos situar a obra que resenhamos. O Prof. Zeferino Rocha trabalha fora do eixo Rio-São Paulo, eixo culturalmente dominante, e só começou a publicar, num ritmo mais intensivo, na década de noventa. No entanto, o autor – por sua formação clássica e filosófica e por sua larga experiência docente e clínica – possui as raras credenciais que o habilitam a contribuir decisivamente na construção do pensamento psicanalítico. Seus textos podem ser incluídos naquele grupo de trabalhos que se destacam pela densidade do conteúdo, o esmero da forma, a lucidez da reflexão e a serenidade e pertinência da crítica.

Não é difícil discernir essas qualidades no texto que estamos examinando. O esmero da forma evidencia-se na clareza da linguagem, na limpidez do estilo, no esforço em elucidar as dificuldades, ao invés de fazer do gosto pelo obscuro o falso apanágio da profundidade. Por isso, é texto acessível, que pode e deve ser lido por quem busca uma formação séria e sólida em psicanálise. Quanto ao conteúdo, basta-nos citar o descortino de seu objetivo, anunciado nas primeiras linhas da “Introdução”, que consiste em *“resumir as linhas essenciais da sistematização teórica da angústia na trajetória evolutiva do pensamento psicanalítico de Freud e de mostrar, simultaneamente, de que modo os modelos teóricos ajudaram-no a elucidar alguns enigmas nos quadros clínicos de sua prática terapêutica”* (p. 9).

Não obstante, tal objetivo, fácil de ser formulado e de aparência quase didática, não é fácil de ser alcançado. Os que conhecem o texto freudiano e as complexidades que se ocultam sob a simplicidade da linguagem – as reticências, as retomadas de problemáticas aparentemente abandonadas, as pistas não exploradas, as ambigüidades e retorções conceituais – sabem das enormes dificuldades que devem superar e do desafio que é transpor a sutileza e o emaranhado de sua argumentação, de modo a conquistar a clareza sem sacrificar o rigor.

Por tais qualidades, por cumprir exemplarmente a difícil tarefa a que se propôs, o livro do Prof. Zeferino Rocha é altamente recomendável aos que buscam uma orientação teórica segura, aberta e sem mistificações. Pois o autor não se perde em promessas vãs, em inúteis digressões e prolixidades, mas realiza com maestria o que havia anunciado na “*Introdução*”. Após uma rápida incursão filosófica sobre o “*problema da angústia*” (pp. 16-24), são feitas algumas considerações lexicológicas, visando apresentar ao leitor uma demarcação semântica dos termos “angústia” e “ansiedade”, antes de explorar os diversos aspectos e nuances de sua significação propriamente psicanalítica (pp. 24-37).

Segue-se à preciosa “*Introdução*”, a exposição – sempre exata e calçada na leitura acurada do texto original – da lenta montagem freudiana de uma “teoria da angústia”. A estrutura expositiva é simples e subdivide-se em três partes: a primeira, abordando as primeiras concepções sobre a angústia, elaboradas no período de 1892 a 1900; a segunda, abarcando a construção da “*primeira tópica*” no extenso período de 1900 a 1920; e, finalmente, a terceira, a meu ver a mais rica, expõe as implicações da “*segunda tópica*” na nova compreensão freudiana da angústia, no período de 1920 a 1938.

A estrutura expositiva é certamente simples, mas de modo algum banal. O desdobramento cronológico, como o autor adverte na “*Introdução*” (p. 10), não se conforma a um esquema linear em que as etapas simplesmente sucedem-se umas às outras, mas em que se articulam dialeticamente. Assim, podemos reencontrar nas últimas concepções freudianas idéias já presentes *in nuce* em suas primeiras elaborações, como também devemos enriquecer e matizar suas formulações conclusivas à luz das conquistas obtidas ao longo do percurso de seu pensamento. É esse esforço de compreensão, que poderíamos definir hegelianamente como uma leitura *sub specie totalitatis*, que permite ao autor evitar a armadilha de uma decepcionante interpretação: a de que Freud, no final de sua trajetória, acabaria cedendo à sua arraigada inclinação empírica e biologizante, ao conceber a angústia como um mecanismo desencadeador de respostas mais ou menos adequadas às ameaças provenientes do mundo externo. Tal interpretação apenas reduziria o freudismo à uma espécie de antecipação literária da atual psicologia evolucionista.

Ao contrário, o autor nos mostra que desde os escritos do primeiro período, ainda no movimento de transição da neuro-anatomia para a psicanálise, o pensamento freudiano já distanciava-se do reducionismo biológico e mostrava-se sensível ao íntimo entrelaçamento entre corpo e psiquismo. Assim, a “*angústia inscrita no corpo*” (pp. 41-67), abordada nos “Manuscritos” enviados a Fliess e investigada clinicamente no campo das “*Neuroses Atuais*”, não poderia ser desvinculada da compreensão dos destinos do afeto e da representação, investigados no campo das “*Psiconeuroses de Defesa*”. Na verdade, esta divisão da

primeira nosografia freudiana – a separação entre “*Neuroses Atuais*” e “*Psiconeuroses de Defesa*” – traduz, no registro dos “tipos ideais”, como ocorre com todas as formas de modelação nosográfica, processos interativos altamente complexos que se desdobram no domínio da realidade psíquica. Por isso, o conceito de “*elaboração psíquica*”, como foi justamente ressaltado pelo Prof. Zeferino Rocha (pp. 53-54), ocupa um lugar estratégico na construção da metapsicologia freudiana. Pois, afinal, a angústia, fenômeno universalmente presente na experiência dos indivíduos e amplamente descrito na clínica, é tão fácil de ser constatada, quanto é difícil de ser apreendida conceitualmente, uma vez que parece assinalar a obscura fronteira entre o corpo e o psiquismo. Problemática que remeteria o fenômeno da angústia, em última instância, ao mistério da unidade dialética da pessoa humana e, como tal, também exigiria o concurso da reflexão filosófica.

Entretanto, a idéia de “*elaboração psíquica*” revelou-se fecunda no esforço em circunscrever tal problemática na especificidade do registro conceitual da teoria psicanalítica. Assim, a angústia assinalaria a “presença ausente” desse “algo” que, ao mesmo tempo, escaparia sempre da rede das representações que constituem o psiquismo, para dele exigir, não obstante, o trabalho permanentemente renovado de recomposição de sua tessitura representacional. Foi esta a intuição que – transbordando o próprio esforço de delimitação teórica dos primeiros escritos – desdobrou-se no longo e ingente empreendimento de compreensão da “*angústia no registro do psiquismo*” (pp. 71-94), que acompanha todo o percurso teórico de formulação da primeira tópica. Ou seja, na primeira formulação freudiana, a angústia pode tomar dois caminhos: não acedendo ao psiquismo, refluir ao corpo, aprisionada no circuito da somatização ou transpor-se ao psiquismo, penetrando no circuito da simbolização, como vertente afetiva do representante pulsional. Será este segundo destino da angústia, a de sua inscrição sempre problemática no psiquismo, que será perseguido pela investigação freudiana, a partir da introdução do conceito de recalque. Como mostra a análise exemplar da “*Histeria de Angústia*”, ao romper o vínculo libidinal do afeto, ou mais precisamente do “*quantum de afeto*”, com a representação, o recalque produz angústia e desencadeia a série de defesas secundárias que levariam à formação do sintoma. Emerge, porém, aqui um dilema teórico: se as defesas são mecanismos de inibição do desenvolvimento da angústia, e o recalque é o mecanismo de defesa prototípico, o que o justificaria enquanto operação que simultaneamente seria responsável pela produção da angústia? Não haveria uma contradição no próprio cerne do argumento freudiano? Porém, se procuramos dissolver a contradição, alegando que o recalque é a única resposta possível diante do perigo pulsional, então seremos obrigados a interrogar acerca da natureza deste perigo enigmático que habitaria a pulsão.

São essas algumas das dúvidas e perplexidades que exigem as novas elaborações, que já se anunciam na 25ª conferência das “*Conferências introdutórias sobre a Psicanálise*” e que deságuam na “*reformulação da teoria freudiana da angústia*”, abordada pelo Prof. Zeferino Rocha na terceira e última parte de seu livro.

A distinção entre a “*angústia preparatória*” (*Angstbereitschaft*) e o “*desenvolvimento da angústia*” (*Angstentwicklung*) ajuda-nos a situar a angústia como sinal (*Angstsignal*), como mecanismo disparador do recalçamento e, portanto, a compreender sua posição paradoxal na estratégia defensiva do psiquismo. Enquanto “sinal”, ela é imprescindível como dispositivo que aciona o mecanismo de defesa contra o pânico (*Schreck*), contra a força desestruturante da angústia invasiva, e mostra-se, em princípio, como aliada do “ego”. Porém, após a formação do sintoma, sua permanência como afeto atesta o fracasso do processo defensivo e revela a fragilidade intrínseca do “ego”. Pois, ao separar a representação e o “*quantum de afeto*”, o recalçamento transforma o investimento libidinal em energia livre que é descarregada como angústia.

Assim, em suas diversas formas, seja como sinal, pânico ou medo, seja como expectativa ou sintoma, a angústia desvela o desamparo constitutivo da condição humana, condição de um ente que, ao contrário de todos os outros, não tem sua essência predeterminada mas que, ao nascer, é atirado num mundo de possibilidades e incertezas. É nesse sentido que podemos afirmar, como o fez Freud em sua conferência sobre a angústia, que esta brota do nascimento, considerado como o paradigma de todo evento traumático.

O pensamento freudiano, seja por sua lógica interna, seja pelo terrível impacto da primeira guerra e do desmoronamento da cultura oitocentista, encaminhou-se para uma crescente radicalidade, que encontrou sua expressão inequívoca na introdução da “*pulsão de morte*”. Abriu-se, por essa nova via da teoria pulsional, um novo ciclo de investigação, que levou Freud a repensar o conjunto da metapsicologia que vinha, há tantos anos, construindo. Os resultados dessa investigação, no que se refere à angústia, foram abordados pelo Prof. Zeferino Rocha, na terceira parte de seu livro, sob o título de “*a reformulação da teoria freudiana da angústia*” (pp. 97-156). Ora, não seria possível, e nem conveniente, pretender resumir aqui todos os desdobramentos dessa “nova” concepção da angústia, que se impõe a Freud em decorrência da última teoria pulsional e da nova tópica. Basta-nos sublinhar, entretanto, que não há um abandono da concepção anterior, mas um movimento de radicalização. Assim, não custa repetir, impõe-se a necessidade de descartar a idéia simplista de um Freud que finalmente assumiria sua nunca desmentida inclinação cientificista ao priorizar o papel da “*angústia-real*” (*Realangst*), que seria interpretada como angústia diante de um perigo objetivo, a ameaça de castração, imposto

pela “realidade externa” , em detrimento da “*angústia pulsional*” (*Triebangst*) que, ao contrário, seria referente à “realidade psíquica”, à realidade fantasmática da sexualidade estruturalmente submetida ao recalque. Freud teria, desse modo, domesticado a angústia, ao colocá-la a serviço de um “ego” que deveria fortalecer-se sempre mais no empenho de otimizar a adaptação do indivíduo ao meio.

Na verdade, ao enfatizar a “*angústia-real*” e ao vinculá-la à nova teoria do aparelho psíquico, Freud procurava demonstrar que o enigma da angústia não poderia ser equacionado pelo recalque, uma vez que era a angústia, enquanto “angústia de castração”, que fundava o recalque e, assim, lançava o “ego” nos caminhos de uma história sempre singular. A “*angústia-real*” não pode ser reduzida a um simples medo diante de um perigo objetivo e externo e também não pode ser derivada da libido e do recalque, como um fenômeno secundário, mas possui um estatuto originário (*Urangst*), remetendo a um “real” que antecede e escapa a toda possibilidade de representação. Ora, não podendo ser, em si mesma, representada, a angústia também não pode ser concebida a partir da ordem da realidade objetiva, mas deve ser pensada na ordem de um fundamento antropológico que, em Freud, na ausência de outros recursos filosóficos, se expressa na especulação filogenética e é designada como tudo aquilo que pode ser prefixado (*Ur-*) como o originário. E o que é originário no homem é seu insuperável desamparo, que se atualiza em cada momento crucial de separação e perda, mas que também é constitutivo da condição humana, condição desse ente que deve responder pelo seu próprio ser. Ou, como faz nosso autor, recorrendo à filosofia heideggeriana, a angústia denota a responsabilidade ontológica de um ente constitutivamente lançado no mundo (*Geworfenheit*) e enredado na inquietação pelo mundo (*Sorge*).

O livro do Prof. Zeferino Rocha nos guiou, com segurança, na longa e atribulada travessia do texto freudiano, porém não nos entregou no porto seguro de uma doutrina acabada e auto-suficiente, pois, como ele mesmo reconhece, “a angústia, como sombra do ser, é obscura na sua própria natureza” (p. 156). E, conforme ensina a bela fábula de Hígino, com a qual o autor encerra o seu percurso, é nesta escuridão que cabe ao homem viver, padecente da finitude e instigado pelo convite da transcendência.

Endereço do Autor:
Rua Congonhas, 161
30330-100 Belo Horizonte — MG